

## TRECHO DO LIVRO

### Introdução

Os professores gostam de dizer que aprendem muito com seus alunos, mas dificilmente citam os trabalhos escritos por eles em seus próprios textos científicos ou se preocupam em viabilizar a publicação do que foi produzido. A exceção, em alguns casos, fica por conta da pós-graduação, mas não serve como parâmetro, pois nessa fase os discentes já pertencem ao sagrado mundo da academia. Ou seja, há uma exclusão dialética no umbrátil período entre o vestibular e a formatura. A tradição universitária estimula a criação de grupos de pesquisa, organizados a partir de estudantes talentosos e determinados, mas eles estão localizados nos cursos de mestrado e doutorado, raramente na graduação. Por quê?

Os motivos me parecem óbvios. Na concepção da ampla maioria dos docentes, o diálogo intelectual deve ser com seus pares. Não é preconceito ou complexo de superioridade, mas uma dinâmica determinada pela própria lógica acadêmica, que valoriza a interlocução avalizada pelos títulos de mestrado e doutorado ou por algum notório saber reconhecido por suas teias corporativistas. Para ascender na carreira, o professor universitário precisa demonstrar que conhece as pesquisas congêneres, e isso é feito através de citações. O pensador da moda, o autor de peso e o cânone estabelecido avalizam as idéias do pesquisador. Não há tempo para outras incursões ou atenções. O perene inverno da academia não tem lugar para pés de pombas [\[1\]](#).

No interior dessa engrenagem, os cursos de graduação tornam-se reprodutores de discursos monocórdios e eternizam o púlpito milenar dos tablados de madeira. Os alunos não são incentivados a pesquisar e produzir, pois não há uma valorização visível desse esforço. Que lugar eles têm nos congressos científicos? Quantos artigos de graduandos são aprovados nos grupos de trabalho? Onde eles encontram espaço para publicar seus textos? E se encontrarem, qual será a repercussão? Os professores precisam pensar nestas questões e formular alternativas.

Não tenho a menor intenção de me excluir do processo que acabo de descrever. Sou professor universitário e pesquisador. Fiz mestrado e doutorado, escrevi livros para meus pares e devo ser o campeão de citações canônicas. Entretanto, acredito na possibilidade de valorização do trabalho acadêmico ainda na graduação e não tenho dúvidas de que este é o único caminho para a melhoria do ensino superior no país.

O presente livro não rompe com a lógica universitária que acabo de criticar, já que seu objeto são os próprios cânones do tema que ele aborda e/ou os intérpretes desses cânones, citados com base nos mesmos critérios descritos nos parágrafos anteriores. As únicas mudanças estão na autoria do texto e na possibilidade de estabelecer uma nova dinâmica de comunicação entre os estudantes de graduação.

Para começar, é um livro de perguntas e respostas, o que, para usar um eufemismo, é considerado pouco acadêmico, embora tenha sido o método utilizado por Sócrates na Grécia Antiga com o objetivo de ver o conhecimento extraído de seus alunos em vez de introduzido neles, como muito bem lembrado pelo Dr. João Uchôa no prefácio. Em segundo lugar, com exceção das 20 primeiras perguntas, todas as outras 980 foram formuladas e respondidas por alunos do primeiro período do curso de Comunicação Social

da Universidade Federal Fluminense. O objetivo não é o reconhecimento acadêmico, muito menos a citação em congressos e obras universitárias. Este livro é apenas um guia, nada mais nada menos. É feito por alunos de graduação para alunos de graduação. E entre eles deve circular.

A Teoria da Comunicação é uma das disciplinas mais áridas do currículo. Os temas são complexos, os textos são herméticos e as explicações em sala de aula nem sempre são esclarecedoras. Então, por que não deixar que os próprios estudantes desenvolvam o assunto e escolham que questões são mais pertinentes e como devem ser respondidas? Foi isso que fizemos.

O método é simples. Todos os autores aqui reunidos foram meus alunos na disciplina Teoria da Comunicação no primeiro semestre de 2005. Ao longo das aulas, propus o trabalho e dividi os temas através de sorteio. Cada um teve que formular e responder 20 perguntas sobre um assunto específico, além de fazer uma prova escrita e outra oral sobre o conteúdo completo da disciplina, proporcionando a indispensável visão ampla da matéria. Dei total liberdade de escolha para as perguntas e respostas, não fiz restrições a estilos nem a posicionamentos ideológicos, mas pedi que dois parâmetros fossem observados:

1. Todas as respostas deveriam vir acompanhadas da referência bibliográfica em notas após o texto, o que pode ser conferido nas páginas finais do livro.
2. O público-alvo do texto seriam os próprios alunos, portanto a linguagem deveria ser acessível. Os estudantes deveriam pensar nos seus pares, não nos meus.

O resultado foi o mais eclético possível. A única característica comum a todos foi a seriedade da pesquisa. Os estudantes tornaram-se “ratos de biblioteca.” E não passou um dia sem que eu recebesse um telefonema ou e-

mail com um relato sobre a descoberta de um livro que estava esgotado ou com uma consulta sobre um tema específico. O estilo, obviamente, variou muito. Alguns foram mais concisos, outros, empolgados com a investigação, alongaram suas respostas. Houve quem optasse por uma conversa informal com o leitor, mas também aconteceram casos em que a linguagem ficou muito próxima daquela utilizada pelos cânones tradicionais, apesar do meu alerta. Mesmo assim, não fiz nenhum tipo de objeção. Como professor, acompanhei com interesse a releitura da teoria da comunicação feita por jovens interessados que se apropriaram do discurso acadêmico da maneira mais conveniente para eles.

Na maioria das vezes, sugeri que a primeira pergunta de cada item fosse a mais simples possível, com o objetivo de explicar de que tratava a teoria abordada ou quem era o autor responsável por ela. Quase todos optaram por essa prática, o que deu uma eficiência didática muito clara ao livro. Também pedi ao professor João de Deus Corrêa, um especialista na área, que fizesse uma revisão do conteúdo, corrigindo pequenos erros ou enganos investigativos, para garantir o rigor da obra.

Neste livro, meu trabalho resumiu-se a escolher os temas, motivar os estudantes e responder as 20 primeiras perguntas. Portanto, meus alunos são os verdadeiros autores das páginas a seguir. Estou orgulhoso. Tive o privilégio de lecionar para mentes férteis e iconoclastas. Sem evocar qualquer figura de retórica, posso categoricamente afirmar: aprendi muito. Sinto que fui extremamente feliz na escolha de minha profissão. Desejo o mesmo a vocês e espero, sinceramente, que não precisem do professor para publicar seus próximos livros.

São meus votos e minha profecia.

---

[1] A citação de Nietzsche é uma prova cabal dessa dinâmica. E pode ter um duplo sentido, caso seja observada a biografia do filósofo, que abandonou a carreira universitária aos 35 anos.